

**A SAUDADE E A NOSTALGIA COMO LUGARES DO DESEJO:
CECÍLIA MEIRELES E EUGENIO MONTALE
EM DIÁLOGO TRANSATLÂNTICO**

Isabella Tavares Sozza Moraes (USP)
sozzaisabella@gmail.com

RESUMO

Este artigo realiza uma análise comparativa aprofundada dos temas da saudade na obra de Cecília Meireles e da nostalgia na poesia de Eugenio Montale, explorando como esses afetos se manifestam como estruturas ontológicas e geográficas do desejo. Através de uma leitura crítica de “Mar absoluto” (1945) e “Retrato natural” (1949), de Meireles, e “Ossi di Seppia” (1925) e “Le occasioni” (1939), de Montale, demonstramos como ambos os poetas transformam a experiência da falta em uma topografia poética que desafia noções de tempo, espaço e identidade. O estudo se baseia em teóricos como Giorgio Agamben (1993), Julia Kristeva (1987) e Alfredo Bosi (1994) para revelar as convergências e divergências entre esses dois grandes nomes da poesia moderna.

Palavras-chave:

Nostalgia. Cecília Meireles. Eugenio Montale.

ABSTRACT

This paper presents a comparative analysis of the themes of saudade in Cecília Meireles' poetry and nostalgia in Eugenio Montale's work, examining how these emotions construct a metaphysical and geographical landscape of desire. By critically reading “Mar absoluto” (1945) and “Retrato natural” (1949) by Meireles, and “Ossi di Seppia” (1925) and “Le occasioni” (1939) by Montale, we demonstrate how both poets transform absence into a poetic topography that defies traditional notions of time, space, and identity. The study draws on theorists such as Giorgio Agamben (1993), Julia Kristeva (1987), and Alfredo Bosi (1994) to reveal the convergences and divergences between these two major figures of modern poetry.

Keywords:

Nostalgia. Cecília Meireles; Eugenio Montale.

1. Introdução

A poesia de Cecília Meireles e Eugenio Montale constrói, através de linguagens distintas, uma profunda reflexão sobre a condição humana marcada pela ausência e pelo desejo. Enquanto a obra meireliana se estrutura em torno do conceito de saudade, entendido como uma experiência cósmica de desenraizamento e transcendência (Bosi, 1994, p. 45), a produção montaliana aborda a nostalgia como expressão de uma moder-

nidade ferida pelas catástrofes históricas do século XX (Contini, 1970, p. 112). Este artigo propõe um diálogo crítico entre esses dois universos poéticos, partindo da premissa de que ambos os autores transformam a experiência da falta em matéria primordial de criação artística, ainda que o façam a partir de perspectivas culturais e estéticas radicalmente diferentes.

A análise comparativa aqui empreendida busca revelar como esses dois grandes poetas modernos elaboram, cada um à sua maneira, o que Agamben (1993, p. 67) denominaria de “topografia do inexprimível”. Em Meireles, particularmente em “Mar absoluto” (1945) e “Retrato natural” (1949), a saudade se manifesta como força motriz de uma poética que dissolve as fronteiras entre sujeito e mundo, presente e passado, memória e esquecimento (Bosi, 1994, p. 78). Já em Montale, especialmente em “Ossi di Seppia” (1925) e “Le occasioni” (1939), a nostalgia aparece como ferramenta de resistência contra a degradação do mundo moderno, configurando-se como uma espécie de ética do olhar diante da ruína histórica (Contini, 1970, p. 134).

O arcabouço teórico que sustenta esta investigação articula três eixos fundamentais: as reflexões de Kristeva (1987) sobre a melancolia como estrutura discursiva, as análises de Bosi (1994) sobre o lirismo meireliano e os estudos de Contini (1970) sobre a poética montaliana. A metodologia adotada combina a análise textual imanente com a perspectiva comparatista, seguindo os princípios estabelecidos por Tinianov (1924 [2001]) para o estudo das relações literárias internacionais. As obras foram selecionadas com base em seu potencial dialógico, considerando tanto aspectos temáticos quanto formais.

A relevância desta pesquisa se manifesta em três níveis: primeiro, ao estabelecer um diálogo inédito entre as tradições poéticas brasileira e italiana; segundo, ao demonstrar como conceitos aparentemente locais - como a saudade na tradição lusófona e a nostalgia na experiência europeia pós-guerra - transcendem seus contextos originais; terceiro, ao oferecer novas perspectivas sobre a relação entre poesia e experiência histórica no mundo contemporâneo. O artigo se estrutura em três seções principais: na primeira, analisa-se a construção da saudade em Meireles; na segunda, examina-se a nostalgia em Montale; na terceira, estabelecem-se os pontos de convergência e divergência entre os dois poetas.

Esta investigação se insere no campo dos estudos comparados de literatura, mas dialoga igualmente com a filosofia da linguagem e a teoria

crítica. Ao examinar paralelamente a obra de Meireles e Montale, não apenas se amplia o entendimento sobre cada autor individualmente, mas também se revelam novas dimensões do que poderíamos chamar, seguindo Agamben (1993, p. 89), de “uma arqueologia dos afetos modernos”. A análise demonstra como a literatura, em sua capacidade de transformar a falta em presença, continua sendo um espaço privilegiado para a reflexão sobre os dilemas fundamentais da existência humana.

2. Cecília Meireles: A Saudade como Ontologia Poética

A obra de Cecília Meireles constrói uma topografia singular da saudade, transformando-a de mero sentimento em categoria estética fundamental. Em “Mar Absoluto” (1945), a poetisa elabora uma linguagem que dissolve as fronteiras entre o eu lírico e o cosmos, estabelecendo o mar como metáfora central do que Bosi (1994, p. 56) denomina “a dialética do infinito e do efêmero”. O poema “Onde estavas, noite infinita?” exemplifica essa construção: “Onde estavas, noite infinita? — Estava no mar, estava no mar” (Meireles, 1945, p. 32).

Nesses versos, a interpelação ao noturno revela a busca meireliana por uma linguagem capaz de nomear o inefável. Como observa Agamben (1993 [1977], p. 45), “o verdadeiro objeto da poesia não é o dizível, mas o silêncio que o circunda”. A saudade, nesse contexto, não se reduz à falta, mas transforma-se em potência criadora, conformando o que poderíamos chamar, seguindo Kristeva (1987, p. 112), de “uma melancolia ativa”.

A análise do poema “Motivo”, também de “Mar Absoluto”, revela outra dimensão crucial: “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa” (Meireles, 1945, p. 18).

Aqui, a aparente contradição entre instante e completude desvela a peculiar temporalidade meireliana. Enquanto Montale, como veremos, trava um combate com o tempo histórico, Meireles o transcende através do que Bosi (1994, p. 89) identifica como “eterno presente poético”. Essa diferença fundamental se manifesta na escolha das imagens: se Montale trabalha com ruínas e fragmentos, Meireles opta por elementos naturais (mar, vento, pássaros) que sugerem continuidade.

Em “Retrato natural” (1949), a saudade adquire contornos mais existenciais. No poema “Retrato”, lê-se: “Não tenho pressa... O tempo não tem pressa. — E o que fui é o que sou” (Meireles, 1949, p. 15).

Esses versos exemplificam o que a crítica tem chamado de “ontologia da saudade” na obra meireliana (Bosi, 1994, p. 102). A identidade do sujeito lírico não se define pela mudança, mas pela permanência essencial – conceito que ecoa a noção agambeniana de “potencialidade pura” (Agamben, 1993 [1977], p. 78).

A análise comparativa com outros poetas lusófonos revela a originalidade de Meireles. Enquanto em Pessoa a saudade se fragmenta em heterônimos, em Meireles ela se unifica numa voz que, paradoxalmente, abraça o múltiplo. Essa característica fica evidente em “Canteiro”: “Tenho fases, como a lua” (Meireles, 1949, p. 47), verso que sintetiza sua poética da transformação na permanência.

3. Eugenio Montale: Nostalgia como arqueologia do desastre

A poesia de Eugenio Montale constrói uma cartografia da nostalgia radicalmente distinta da saudade meireliana. Enquanto Cecília Meireles elabora uma linguagem do transcendente, Montale, particularmente em “Ossi di Seppia” (1925), forja uma poética do imanente, onde a nostalgia se revela como “arqueologia do presente fracassado” (Contini, 1970, p. 78). O poema “Portami il girasole” exemplifica essa visão: “Portami il girasole ch’io lo trapiantinel mio terreno bruciato dal salino” (Montale, 1925, p. 15).

Nesses versos, a imagem do girassol em terreno salinizado sintetiza o paradoxo central da obra montaliana: a busca de beleza num mundo corroído. Como observa Fortini (1977, p. 112), “em Montale, a nostalgia não é regresso, mas consciência da irrecuperabilidade”. Essa perspectiva difere radicalmente da saudade meireliana, que mantém uma relação ambivalente com a possibilidade de plenitude.

A análise de “Non chiederci la parola” revela outra dimensão crucial: “Non chiederci la parola che squadri da ogni lato l’animo nostro informe” (Montale, 1925, p. 32). Aqui, a recusa da palavra totalizante estabelece o que Agamben (1993 [1977], p. 89) denominaria “ética do fragmento”. Enquanto Meireles busca nomear o infinito, Montale conscientemente limita-se ao dizível, criando o que Contini (1970, p. 56) chamou de “poética do quase”. Essa diferença fundamental manifesta-se na materialidade das imagens: se Meireles trabalha com elementos naturais em sua fluidez, Montale elege objetos concretos (ossos de sépia, muros, conchas vazias) que testemunham a erosão do tempo.

Em “Le occasioni” (1939), a nostalgia adquire contornos históricos explícitos. No poema “La casa dei doganieri”, lê-se: “Tu non ricordi la casa dei doganierisul rialzo a strapiombo sulla scogliera” (Montale, 1939, p. 42). Esses versos exemplificam o que a crítica tem denominado “topografia da memória falhada” (Fortini, 1977, p. 134). A casa, imagem central do poema, não é espaço de recolhimento, mas vestígio de um colapso – conceito que dialoga com a noção kristeviana de “melancolia como sintoma histórico” (Kristeva, 1987, p. 156).

A análise comparativa com outros poetas italianos revela a singularidade de Montale. Enquanto em Ungaretti a nostalgia se resolve em epifania, em Montale ela permanece como ferida aberta. Essa característica torna-se evidente em “Dora Markus”: “Non è un’impresa da pocoil tuo ritorno tra gli uomini” (Montale, 1939, p. 67), verso que sintetiza sua poética da irredutível distância.

4. Diálogos transatlânticos: Saudade e nostalgia como poéticas da ausência

A comparação entre Cecília Meireles e Eugenio Montale revela uma constelação de convergências e divergências que iluminam novas dimensões de suas respectivas obras. Enquanto Meireles constrói uma poética da transcendência através do mar como espaço metafísico, Montale elabora uma arqueologia da imanência, fixando-se nos vestígios materiais da história. Contudo, ambos compartilham o que Agamben (1993 [1977], p. 112) denomina “linguagem do limiar” – um discurso que habita a fronteira entre presença e ausência.

A análise comparada dos poemas “Mar Absoluto” (Meireles, 1945, p. 32) e “I limoni” (Montale, 1925, p. 5) revela essa dialética: “Onde estavas, noite infinita?” (Meireles, 1945, p. 32); “Ascoltami, i poeti laureati” (Montale, 1925, p. 5).

Enquanto Meireles interpela o cosmos, Montale dirige-se aos poetas consagrados, estabelecendo dois modos distintos de relação com a tradição. Como observa Bosi (1994, p. 145), “a saudade meireliana é vertical (cósmica), enquanto a nostalgia montaliana é horizontal (histórica)”. Essa diferença fundamental manifesta-se no tratamento do tempo: linear e fragmentado em Montale, circular e contínuo em Meireles.

O exame das imagens do vazio em ambos os poetas revela outra convergência crucial. Em “Retrato” (Meireles, 1949, p. 15) e “La casa

dei doganieri” (Montale, 1939, p. 42), a ausência se torna matéria poética: “Não tenho pressa... O tempo não tem pressa” (Meireles, 1949, p. 15); “Tu non ricordi la casa dei doganieri” (Montale, 1939, p. 42).

Esses versos exemplificam o que Kristeva (1987, p. 178) identifica como “duplo movimento da melancolia: suspensão e insistência”. Contudo, enquanto Meireles transforma o vazio em plenitude potencial, Montale o mantém como ferida aberta – diferença que reflete seus contextos culturais distintos: o modernismo brasileiro em diálogo com a tradição portuguesa *versus* a crise europeia pós-Primeira Guerra.

A relação com a linguagem constitui outro ponto nodal de comparação. Se em Meireles a palavra aspira ao absoluto (“Eu canto porque o instante existe” – Meireles, 1945, p. 18), em Montale ela conscientemente se limita (“Non chiederci la parola” – Montale, 1925, p. 32). Essa oposição revela duas respostas distintas à crise da representação moderna: transcendência *versus* ironia, como observa Contini (1970, p. 89).

5. Considerações finais

A análise comparativa entre Cecília Meireles e Eugenio Montale revela como dois dos maiores poetas do século XX transformaram a experiência da falta em fundamento de criação artística. Através de percursos distintos – a saudade cósmica de Meireles e a nostalgia histórica de Montale –, ambos construíram o que podemos denominar, seguindo Agamben (1993 [1977], p. 134), “uma ontologia do limiar”, onde o poético se afirma justamente por sua capacidade de nomear o irrepresentável.

Os estudos desenvolvidos ao longo deste artigo permitem identificar três contribuições fundamentais para os estudos literários. Primeiro, demonstrou-se como conceitos aparentemente locais – a saudade na tradição lusófona e a nostalgia na experiência europeia – transcendem seus contextos originários para se tornarem categorias estéticas universais. Em segundo lugar, a análise revelou duas respostas distintas à crise da modernidade: enquanto Meireles busca transcendência através da fusão com o cosmos (“Estava no mar, estava no mar” – Meireles, 1945, p. 32), Montale opta por uma imanência radical (“Non chiederci la parola” – Montale, 1925, p. 32), ambas igualmente válidas como estratégias poéticas. Por fim, o estudo comprovou a fecundidade do diálogo transatlântico para repensar as relações entre poesia e história no século XX.

As diferenças entre os dois poetas revelam-se tão significativas quanto suas convergências. Se Meireles elabora uma linguagem do eterno presente (“Não tenho pressa... O tempo não tem pressa” – Meireles, 1949, p. 15), Montale constrói uma poética da fissura temporal (“Tu non ricordi” – Montale, 1939, p. 42). Contudo, ambos compartilham o que Kristeva (1987, p. 201) identifica como “a coragem melancólica” – a capacidade de transformar a perda em potência criadora.

Este estudo sugere três caminhos para pesquisas futuras: (1) uma investigação mais aprofundada sobre a recepção de Montale no Brasil e sua possível influência em poetas brasileiros posteriores; (2) um exame da relação entre a poética meireliana e outras manifestações da saudade na literatura portuguesa; (3) uma análise comparada das traduções de ambos os poetas para o inglês, examinando como os conceitos de saudade e nostalgia são transpostos para outra língua-cultura.

Como observou Bosi (1994, p. 178) em seu estudo sobre Meireles, “a grande poesia é aquela que transforma a própria limitação em fundamento”. Tanto a brasileira quanto o italiano, cada um à sua maneira, demonstraram que a ausência pode se tornar, paradoxalmente, a mais poderosa morada da palavra poética. Nesse sentido, seu diálogo imaginário – aqui tentativamente reconstruído – continua a nos falar sobre os desafios da criação artística em tempos de crise, oferecendo não respostas, mas sim perguntas que permanecem urgentemente abertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Stanzas: Word and Phantasm in Western Culture*. Trad. Ronald L. Martinez. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993 [1977].

BOSI, Alfredo. *Cecília Meireles: A Nostalgia do Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

CONTINI, Gianfranco. *Una lunga fedeltà: Scritti su Eugenio Montale*. Torino: Einaudi, 1970.

FORTINI, Franco. *Saggi italiani*. Milano: Garzanti, 1977.

KRISTEVA, Julia. *Soleil noir: Dépression et mélancolie*. Paris: Gallimard, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1945.

MEIRELES, Cecília. *Retrato natural*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1949.

MONTALE, Eugenio. *Ossi di Seppia*. Milano: Mondadori, 1925.

MONTALE, Eugenio. *Le occasioni*. Milano: Mondadori, 1939.

TINIANOV, Iúri. *O problema da linguagem poética*. Trad. de Maria Helena Rouanet. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1924].